

## CIDADANIA, LEITURA E INCLUSÃO: O BIBLIOTECÁRIO COMO FORMADOR DE LEITORES EM LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA<sup>1</sup>

Thais Janaina Wenczenovicz<sup>2</sup>

Elisângela Gomes<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa a formação do profissional bibliotecário e sua atuação especialmente em literatura Negro-Brasileira na formação de leitores. Sabemos que a leitura e a escolha de obras são inerentes ao profissional que pratica o incentivo à leitura. Esse tem por finalidade disseminar, por meio de critérios de seleção pré-estabelecidos, obras que auxiliem no desenvolvimento social e educacional, estimulando o senso crítico dos leitores. Como procedimento metodológico, o devido trabalho utiliza-se da pesquisa bibliográfica e a descrição e interpretação da realidade dos sujeitos na compreensão da temática abordada tendo utilizado a técnica de Grupos focais. Para representar os dados a partir de uma perspectiva mais próxima do sujeito, foram utilizados fragmentos das entrevistas e análise de discurso. É possível afirmar que a falta de acesso à produção intelectual de negros e negras durante a formação acadêmica das participantes reflete diretamente na omissão dessa temática na prática de trabalho das bibliotecárias, fazendo com que este conhecimento fique restrito a uma pequena parcela da população mais esclarecida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bibliotecário. Formação de leitores. Literatura Negro-Brasileira.

**ABSTRACT:** This paper analyzes the education and work performance of the Librarian, acting specifically with Black-Brazilian literature in the education of readers. Reading and the selection of reading material are activities inherent to the professional that practices reading encouragement. This activity intends to spread, through pre-established selection criteria, works that help social and educational development, encouraging the critical capabilities of the readers. As a methodological procedure, the work uses bibliographical research and the description and interpretation of reality created by the subjects while understanding the themes approached using the Focal Group technique. Focal research was structured in a questionnaire based in communication and interaction with three

---

<sup>1</sup> Os resultados preliminares desse estudo foi apresentado na categoria “ponencia” no III Encuentro de las Ciencias Humanas Y Tecnológicas para la integracion de la América Latina y el Caribe – Internacional del Conocimiento: Diálogos em Nuestra América nos dias 07, 08 e 09 de maio de 2015 em Goiânia – Goiás.

<sup>2</sup> Pós-Doutora em História/(UFRGS)/Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoameryka Uniwersytetu Warszawskiego-Polônia. Doutora em História/PUCRS/Brasil. Docente Adjunta Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). CAPES/PNDN. Email: t.wencze@terra.com.br

<sup>3</sup> Graduada em Biblioteconomia/UFRGS, Pós-Graduada em Teoria e Prática da Formação do Leitor pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Email: zanza18@gmail.com

Library Science professionals that perform reading encouragement activities. To represent the data from a perspective located closer to the subjects, interview passages and Discourse Analysis. As a result, we can state that the lack of access to the intellectual works of Black men and women throughout the education of the participants affects directly the omission of these themes on the work praxis of the librarians, restricting this knowledge to a small part of the most enlightened strata of the population.

**Key words:** Librarian. Education of readers. Black-Brazilian literature.

## 1 INTRODUÇÃO

A tarefa de formar leitores implica em inicialmente reconhecer o formador como leitor e, nesse caso, não nos referimos a um leitor com vasta leitura dos grandes clássicos da literatura brasileira, estamos falando de um leitor que está atento à leitura da história do seu país. No decorrer deste trabalho, observaremos que a literatura brasileira mostrou apenas uma face da história do Brasil, a qual reforçou os estereótipos e estigmas, em especial destinados à população negra. Diante disso, este trabalho pretende fomentar discussões acerca da literatura Negro-Brasileira como um caminho para a representação de uma real identidade da população negra no país.

Dessa forma, os Formadores de leitores que atuam nas áreas sociais precisam compreender a literatura como uma expressão social carregada de valores ideológicos e culturais representados por uma constante transformação social.

Este trabalho buscou identificar o que profissionais da Biblioteconomia compreendem sobre a presença do negro na literatura. Também propôs uma atividade de formação, apresentando elementos da literatura brasileira e Negro-Brasileira para os profissionais que atuam no âmbito sociocultural e, por fim, verificou os efeitos causados pela atividade de formação.

O estudo adotou abordagem qualitativa, o tipo de pesquisa utilizado foi a pesquisa-ação e o universo foi representado por três profissionais da Biblioteconomia. A amostra utilizada foi de bibliotecárias que desenvolvem atividades de promoção o incentivo à leitura, duas (02) bibliotecárias atuantes em um coletivo que desempenha um papel de agente de integração da sociedade por meio da leitura, e uma (01) bibliotecária atuante em uma instituição voltada ao atendimento de jovens em vulnerabilidade social.

Acredita-se que os indivíduos que realizam atividades de incentivo à leitura de forma autônoma, sem fins lucrativos, direcionadas à população que não tem acesso à leitura, são indivíduos mais ativos e sensibilizados no processo da construção do conhecimento coletivo, por isso a escolha dessa amostra.

A técnica de coleta foi realizada através de Grupos Focais. Tendo como função reunir informações detalhadas sobre o processo de apropriação, das bibliotecárias com a literatura Negro-Brasileira, proporcionando a compreensão de percepções, crenças e atitudes sobre o tema. Também abordou o contexto social, histórico e cultural da Literatura Brasileira e da Literatura Negro-Brasileira, utilizando como recurso fragmento de obras literárias, curtas e documentários, a fim de abordar a dicotomia entre os conceitos.

Os grupos foram realizados durante cinco (05) dias com uma (01) hora de duração. Após obter os dados coletados do roteiro de entrevista, foi realizada a transcrição. Já a análise e interpretação dos dados foram organizadas de acordo com o nível de compreensão dos participantes a cada grupo realizado.

Feita a estruturação, os dados obtidos foram comparados entre si a fim de verificar possíveis mudanças de comportamento em relação à compreensão e à apropriação do tema abordado. Dessa forma, foi possível constatar que, embora a literatura não faça parte do componente curricular dos cursos de Biblioteconomia, encontros, como os propostos neste trabalho, demonstram uma mudança significativa na postura dessas profissionais no que se refere ao questionamento sobre os conteúdos das obras literárias propagadas durante o período em que tivemos contato com a literatura.

Com dado observado, também ressaltamos que há necessidade da revisão das propostas curriculares dos cursos de graduação em diversas áreas. Destacamos também a responsabilidade do poder público em prover a esses profissionais, já formados, cursos de aprimoramento e educação continuada, para que estes possam aplicar, nos seus locais de atuação, ações que tragam visibilidade à produção literária da população negra e um sentido de pertencimento àqueles que tiveram sua história silenciada e negada por uma minoria canônica que incrustou ainda mais o preconceito na sociedade atual.

## 2 EU ME REPRESENTO: DICOTOMIA ENTRE LITERATURA BRASILEIRA E LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA

A literatura Brasileira é pautada a partir da ocupação e exploração do Brasil pela Europa. Antes do período escravocrata, registros como a Carta de Pero Vaz de Caminha e o Diário de navegação de Pero Lopes e Sousa explicitam a superioridade da cultura do homem branco, colonizador, europeu, com valores cristãos e a supressão da identidade local. Mesmo não se valendo do contexto literário, “[...] a pré-história das nossas letras interessa como reflexo da visão do mundo e da linguagem que nos legaram os primeiros observadores do país”. (BOSI, 1994, p.13).

Para dar conta dessa complexidade de processos que envolveram a miscigenação do Brasil, referente à condição do negro, buscou-se, na historiografia social da escravidão e na história da educação, olhares que trabalham com a temática, a fim de subsidiar teoricamente e em paralelo esta investigação. Uma ação necessária, pois durante muito tempo somente a historiografia reconheceu o negro como elemento fundante da sociedade brasileira. Quando remetida às questões como a da escolarização e a inserção cultural das camadas negras, sempre o caminho seguiu a negação de suas experiências e vivências. De acordo com Pinto (1987, p. 13):

[...] quanto à época da escravidão, não há um consenso entre autores sobre a extensão da escolaridade do negro. Encontramos informações de que os escravos eram absolutamente excluídos da escola, mesmo de instrução primária [...] os escravos e leprosos eram proibidos de frequentarem as escolas.

Nesse mesmo sentido, Romão e Carvalho (2003, p. 66) ressaltam que no ano de 1835 ficou estabelecida a proibição da frequência dos escravos às escolas. Para demonstrar tal afirmação, as autoras apresentam a Resolução Imperial nº. 382, artigo 35 de 1º de julho de 1854, que determinava: “Os professores receberão por seus discípulos todos os indivíduos, que, para aprenderem primeiras letras, forem apresentado-lhe, exceto os cativos e os afetados de moléstias contagiosas”.

Na Resolução Imperial nº. 382, a discriminação ficou menos obscurecida e mais explícita em relação às possibilidades de os escravos frequentarem escolas

públicas, uma vez que a Constituição de 1824 não declarou tão claramente este impedimento.

A discussão sobre a legislação emancipacionista brasileira e o papel destinado à questão da educação remete a este problema mais amplo, pois a forma de legislação do Estado brasileiro, neste caso a Constituição de 1824, impediu o acesso dos negros escravizados à instrução pública.

Este impedimento foi articulado de forma indireta porque a Constituição garantia o direito de todos os cidadãos de frequentarem as escolas, porém, como os negros não eram considerados “cidadãos”, ficavam impedidos perante a lei, e mesmo na dimensão prática, quando eram garantidos seus direitos, não se criaram condições para tal realização. Por extensão, o direito à leitura foi extinto.

Conforme a prescrição da Constituição de 1824, aparentemente anunciada como ‘democrática’, retratou-se restritiva quando discutiu a definição de cidadão. São cidadãos brasileiros, segundo o artigo 6º, somente:

1º Os que no Brasil tiverem nascido, quer sejam ingênuos ou libertos, ainda que o pai seja estrangeiro, uma vez que este não resida por serviço de sua nação.

2º Os filhos de pai brasileiro, e os ilegítimos de mãe brasileira, nascidos em país estrangeiro, que vierem a estabelecer domicílio no Império.

3º Os filhos de pai brasileiro, que estivesse em país estrangeiro, em serviço do Império, embora não venham estabelecer domicílio no Brasil.

4º Todos os nascidos em Portugal e suas possessões, que, sendo já residentes no Brasil na época em que se proclamou a independência nas Províncias, onde habitavam, aderiram a esta, expressa ou tacitamente, pela continuação da sua residência.

5º Os estrangeiros naturalizados, qualquer que seja a sua religião. A lei determinará as qualidades precisas para se obter carta de naturalização. (OLIVEIRA, 1995, p. 68-69)

A propagação do ideário consoante à exclusão do escravo no processo de aquisição das primeiras letras, predominante na época, perdurou durante muito tempo, pois as condições de vida e trabalho ainda não permitiam a instrução sentida como necessidade.

Sabe-se que ainda em 1850, foi legalmente determinado que os escravos não poderiam frequentar as escolas e que estas seriam permitidas somente aos

homens livres, reforçando sua invisibilidade social. Foi a partir da década de 1860, a escolarização do negro começou a ser apresentada no parlamento como uma dimensão fundamental, para integrá-lo à sociedade organizada com base no trabalho livre. (MOYSÉS, 1994)

Apesar de todo o mecanismo legal que impedia o negro de ter acesso à escola, deve-se considerar as apropriações e recriações de uma língua oral e escrita por escravos e libertos que fogem dos quadros estáticos desta sociedade.<sup>4</sup> Imobilidade demonstrada nos índices de alfabetização de 1872 que relacionava “um escravo alfabetizado para 999 analfabetos e de 0,6 mulheres escravas para 999,4 analfabetas” (MOYSÉS, 1994, p.200).

Os primeiros registros escritos que apresentaram o negro na literatura datam do século XVII, no período barroco, no qual se destaca o escritor Gregório de Matos Guerra. O contexto é a escravidão na Bahia e, em sua obra, o negro é representado como objeto do seu senhor, sem valores estéticos e morais.

No Romantismo, temos a representação do negro como serviçal e subalterno, presente na obra de Aluísio de Azevedo, a mulher negra, por sua vez, nega sua negritude e é representada como objeto sexual. Em *Escrava Isaura*, romance escrito por Bernardo Guimarães é apresentada a figura da escrava enquanto membro da nobreza “[...] que vence por força de seu branqueamento, embora a custo de muito sacrifício e humilhação aceita a submissão”. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 162).

Já o escritor Castro Alves, considerado o “poeta dos escravos” por se posicionar a favor da abolição, em sua obra, não deu voz ao negro, “[...] em sua visão idealizadora, o poeta não consegue escapar do estereótipo, entretanto, é ele quem assume, na literatura brasileira, o brado de revolta contra a escravidão, abre espaços para a problemática do negro escravo.” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 165).

A literatura produzida nessa época transmitia apenas os valores de uma cultura elitizada do homem branco que via o negro como figura excluída e não como sujeito das transformações e detentor de sua própria cultura e valores. A produção literária por escritores negros não era considerada “Literatura” aos moldes dos

---

4 Em contrapartida, não se pode negar que embora as dificuldades e o preconceito na época fossem devastadores, o negro encontrou algumas oportunidades para ter acesso ao mundo letrado. Para essa temática vide WISSENBACH, M. C. C. **Sonhos africanos, vivências ladinas: escravos e forros em São Paulo (1850-1880)**. São Paulo: HUCITEC - USP, 1998a.

cânones. Essa desqualificação colaborou para o surgimento de uma literatura brasileira que representa o negro como inferior e estereotipado. Segundo Proença, “[...] a presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizado que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade”. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 161).

A partir da metade do século XIX, temos uma mudança na produção literária onde o negro se torna protagonista da sua história e não mero espectador. Segundo Proença Filho (2004, p.161): “Evidenciam-se, na sua trajetória no discurso literário nacional, dois posicionamentos: a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada”. Dois grandes escritores negros surgem na cena literária do Brasil: Luís Gama e Lima Barreto. Suas escritas carregam a consciência do negro como indivíduo excluído da sociedade, mas que agora ganhou voz.

O que caracteriza uma literatura negra não é somente a cor da pele ou as origens étnicas do escritor, mas a maneira como ele vai viver em si a condição e a aventura de ser um negro escritor. Não podemos deixar de considerar que a experiência negra numa sociedade definida, arrumada e orientada por valores brancos é pessoal e intransferível. E, se há um comprometimento entre o fazer literário do escritor e essa experiência pessoal, singular, única, se ele se faz enunciar enunciando essa vivência negra, marcando ideologicamente o seu espaço, a sua presença, a sua escolha por uma fala afirmativa, de um discurso outro – diferente e diferenciador do discurso institucionalizado sobre o negro – podemos ler em sua criação referências de uma literatura negra.” (EVARISTO, 2010, p. 136).

Solano Trindade foi um autor de destaque no século XX “Legitimado pela tradição literária brasileira pelo [seu] posicionamento político-social; o seu poema presente na coletânea *Violão de rua* (1962), antologia representativa de uma das tentativas de renovação poética pós-modernista” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 177), trazendo em sua obra um engajamento social de denúncia às discriminações raciais e afirmação do negro enquanto sujeito.

Nesse mesmo período, temos a criação do Teatro Experimental do Negro (TEN) “[...] a qual ressalta a figura de Abdias do Nascimento, também fundador, em 1968, do Museu de Arte Negra”. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 176).

O TEN foi responsável pela discussão e inclusão dos negros nos palcos brasileiros. Os nomes de Abdias Nascimento, Ruth de Souza e Eduardo Silva são referências desbravadas pela ação cênica do TEN. Além, de forma histórica, de formar a primeira geração de atores e atrizes negros, o TEN editou, na década de 50, a revista Quilombo e por fim, em 1961, na área da dramaturgia, lançou a antologia Dramas para negros e prólogos para brancos, até o momento, única no mercado editorial brasileiro. (ANTÔNIO, 2005, p.17).

Nos período de grandes transformações na cena cultural do país, temos também o surgimento dos Cadernos Negros. Segundo Antônio (2005, p. 13) a série “[...] é o principal veículo no Brasil de produção literária referenciada na cultura e herança de matriz africana, [...] provém de um processo de seleção que inclui leitores, críticos e protagonistas, isto é, escritores e poetas negros”.

O lançamento dos Cadernos Negros foi um marco para o surgimento da Literatura Negro-Brasileira. Trouxe visibilidade às questões relacionadas à forma como o negro era representado na Literatura Brasileira. Esses questionamentos buscaram criar uma nova identidade através da perspectiva do negro como sujeito. Segundo Conceição Evaristo (2010, p. 132):

Esse discurso é orientado por uma postura ideológica que levará a uma produção literária marcada por uma fala enfática, denunciadora da condição do negro no Brasil, mas igualmente valorativa e afirmativa do mundo e das coisas negras, fugindo do discurso produzido nas décadas anteriores carregado de lamentos, mágoa e impotência.

A Literatura Negro-Brasileira possibilitou que o outro lado da história, representado na literatura, fosse contado, o lado de quem foi oprimido e apagado dos acontecimentos históricos, o lado de quem seguiu perpetuando sua cultura nos quilombos e lutando por um ideal de liberdade. “A literatura negra toma como parte do corpus a História do povo negro, vivida e interpretada do ponto de vista negro, propondo uma leitura transgressora da História oficial e escrevendo a história dos *dominados*”. (EVARISTO, 2010, p. 132). Mostrando que a palavra escrita não é privilégio do indivíduo branco e que somos capazes de contar a nossa própria história. “A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais” (BAKHTIN, 2006, p. 66).

A criação dos Cadernos Negros seguida de uma identidade representada na Literatura Negro-Brasileira abriu precedentes para se pensar em um ensino com valores que rompem a subordinação racial.

Embora tenhamos muitos anos de manifestação dos movimentos sociais e culturais, trazendo visibilidade à causa negra, é somente em 2003 aprovada a Lei 10.639/03 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, incluindo no currículo oficial da Rede de Ensino Público e privado a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira nas Escolas. De acordo com o Art. 26-A:

[...] o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, Lei nº 10.639, 2003).

E em 2010 temos a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial, de autoria do Senador Paulo Paim que é “[...] destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica”. (BRASIL, Lei nº 12.288, 2010).

Esperava-se que com a lei 10.639/03 estudantes negros e negras teriam conhecimento sobre as personalidades que fizeram parte da história do país como figuras de resistência e luta, a exemplo de Zumbi, Ganga Zumba, Dandara e demais que lideraram o Quilombo dos Palmares. Também esperava-se maior acesso a escritores e escritoras como Lima Barreto e Carolina de Jesus que retrataram personagens através da sua ótica, denunciando a violência psicológica e o preconceito. Sendo assim, saberiam que, de fato, cultura negra não se restringe ao samba e a capoeira. Ela está presente no teatro de Cajado Filho, que através de paródias questionava os problemas sociais da época, nas artes plásticas de João Cândido que retrata cenas do folclore e cultura popular brasileira.

A Lei 10.639 prevê também, a inclusão do: “[...] dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra. Art. 79-B.” (BRASIL, Lei nº 10.639, 2003) Em homenagem ao dia da morte de Zumbi dos Palmares. O dia da consciência negra é marcado pela luta contra o preconceito racial no País. O ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, após a aprovação da Lei 10.639/03, fez-se necessário para

garantir uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira.

Embora tenhamos leis que estabelecem a necessidade de uma mudança de comportamento sociocultural, precisamos assegurar que os profissionais que atuam na esfera da educação, sejam eles professores, educadores, bibliotecários que exercem a função de formadores de leitores, estejam capacitados e tenham acesso à materiais de apoio que auxiliem no trabalho com a diversidade cultural existente nas escolas combatendo o preconceito e minimizando a exclusão do negro na sociedade.

### **3 EU TRANSFORMO: O BIBLIOTECÁRIO NA FORMAÇÃO DO LEITOR**

O bibliotecário é o profissional que tem como instrumento de trabalho a informação. Esta pode estar contida em diferentes suportes, do mais convencional como o livro, ao mais alternativo, como a pichação nos muros das metrópoles. Desta forma, quem atua nessa área tem um grande diferencial, ser dinâmico e pró-ativo. O dinamismo faz com que este profissional da informação se adapte aos mais diversos campos de trabalho, como: centros de informação, instituições do terceiro setor, centros culturais, entre outros.

De acordo com as diretrizes curriculares do Ministério da Educação e Cultura (MEC),

A formação do bibliotecário supõe o desenvolvimento de determinadas competências e habilidades e o domínio dos conteúdos da Biblioteconomia. Além de preparados para enfrentar com proficiência e criatividade os problemas de sua prática profissional, produzir e difundir conhecimentos, refletir criticamente sobre a realidade que os envolve, buscar aprimoramento contínuo [...] deverão ser capazes de atuar junto a instituições e serviços que demandem intervenções de natureza e alcance variados. (MEC, 2001, p. 32).

Sendo assim, cada local de atuação vai exigir um determinado conhecimento deste profissional, porém, o ambiente de trabalho mais tradicional e reconhecido pela classe e pela sociedade ainda é a Biblioteca.

A atuação do bibliotecário nas bibliotecas vai além das funções gerenciais, este profissional desempenha também ações de incentivo à leitura e participa do

processo de formação dos leitores que frequentam o local. Desta forma, a literatura faz parte do cotidiano dos bibliotecários que mantêm contato direto com obras literárias e podem interagir com o público, propondo atividades que contemplem o perfil dos seus leitores.

Dentre as competências e habilidades esperadas pelo profissional da Biblioteconomia, estão: “[...] traduzir as necessidades de indivíduos, grupos e comunidades nas respectivas áreas de atuação; agregar valor nos processos de geração, transferência e uso da informação, em todo e qualquer ambiente”. (MEC, 2001, p. 32). Porém, não estão previstas nas diretrizes dos conteúdos curriculares, elaboradas pelo MEC, disciplinas da área da educação que tratem sobre as mais diversas obras literárias de forma crítica e reflexiva, amparando o bibliotecário no exercício pleno de suas funções enquanto formador de leitor. Segundo Rasteli e Cavalcanti (2013, p. 165): “Com intensidade, vários cursos de Biblioteconomia no Brasil preocupam-se principalmente com o processamento da informação e raramente com a sua disseminação e com a formação de leitores”. Sem o componente de literatura nos currículos dos cursos de Biblioteconomia, temos outro agravante: a falta de contato com a literatura Negro-Brasileira.

Este conteúdo está assegurado por lei para as escolas de ensino fundamental e médio, da rede pública e particular, porém o bibliotecário, que atua nesse âmbito, não poderá exercer suas funções de forma plena, pois, como já visto, o profissional não foi capacitado para desenvolver atividades e abordar a literatura em seu contexto de trabalho.

Dessa forma, o Bibliotecário terá de buscar complementar seus conhecimentos de forma autônoma a fim de prestar um serviço adequado aos usuários, caso contrário, irá seguir representando os modelos de exclusão existentes nas mais diversas esferas educacionais e culturais. “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. (BAKHTIN, 2006, p. 96).

Uma medida para suprir essa deficiência curricular é a promoção de atividades de extensão, oficinas e palestras aproximando o profissional da realidade que o cerca. Independente do ramo de escolha para atuação do Bibliotecário, o incentivo à leitura está presente. É papel desse profissional disponibilizar obras literárias que sejam pertinentes, contribuindo para a formação social enriquecendo o conhecimento da realidade e a consciência crítica dos leitores, visto que, a literatura retrata aspectos ideológicos e culturais da sociedade em questão.

Desta forma a literatura não é apenas uma obra ficcional, mas uma obra que se torna social na medida que expõe valores sociais, históricos e morais. [...] não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis. (BAKHTIN, 2006, p. 96).

O desafio em suprir as lacunas do conhecimento de forma independente é de vital importância, principalmente aos profissionais que atuam nas áreas humanas e sociais “[...] oportunizando mudanças para melhor entender e situar-se como profissional da informação, cuja finalidade é a formação de cidadãos leitores competentes e incluídos na sociedade”. (RASTELI; CAVALCANTI, 2013, p. 166).

#### **4 OLHARES INTERPRETATIVOS SOBRE OS DADOS E A TEMÁTICA ANALISADA**

Como apontamos, este trabalho centra-se em identificar o que as bibliotecárias compreendem sobre a presença do negro na literatura brasileira e verificar os efeitos causados pela atividade de formação.

Como procedimento metodológico, foram aplicados dois questionários, um anterior ao processo de formação e um posterior, além da transcrição das gravações dos grupos. No questionário prévio, foram coletadas informações sobre as obras literárias que fizeram parte da formação acadêmica das entrevistadas. Nesse item, as depoentes afirmaram não ter tido contato com literatura produzida por escritores negros em sua trajetória acadêmica como componente curricular.

Este relato reforça a necessidade de uma readaptação curricular que vá ao encontro da lei 10.639 possibilitando assim que o bibliotecário tenha propriedade para elaborar suas ações junto à comunidade atendida, visto que as diretrizes curriculares para os cursos de graduação em biblioteconomia não contemplam disciplinas que abordam o contexto literário citado na legislação.

As respondentes afirmam ter lido obras dessa temática por interesses pessoais, após o período formação em nível superior, porém sem o critério racial para a seleção das obras. As depoentes afirmaram que a escolha foi aleatória, voltada para o gênero textual, conforme transcrição abaixo:

E1 – Aprecio literatura contemporânea, tive contato com a obra da Elisa Lucinda, *Parem de falar mal da rotina*, fala sobre a discriminação racial em algumas crônicas.

E2 – Li dois livros, *Cidade de Deus* e *Cabeça de Porco*. Os dois retratam o negro marginalizado, favelado envolvido ou não com o tráfico, mas que vive diariamente, de alguma forma, essa realidade.

E3 – Só lembro-me de ter tido contato com a obra do escritor Machado de Assis.

O que podemos verificar nas obras citadas pelas entrevistadas E1 e E2 são representações do negro como sujeito, são obras que compõem o universo da contemporaneidade e com grande apelo ao consumo ditado pela indústria cultural de massa. A obra “*Parem de falar mal da rotina*”<sup>5</sup> traz algumas referências do racismo cotidiano, padrões impostos pela sociedade e seus padrões de beleza e a busca pela adequação. Já o livro “*Cidade de Deus*”<sup>6</sup> faz um painel das transformações sociais do conjunto habitacional *Cidade de Deus*: da pequena criminalidade dos anos 60 à situação de violência generalizada e de domínio do tráfico de drogas da década de 1990 e, a obra “*Cabeça de Porco*”<sup>7</sup> trata de registros etnográficos sobre juventude, violência e polícia, retrata a criminalização do jovem brasileiro.

Nos três exemplos, observamos que a auto-representação está imersa em um contexto de discriminação racial - são obras que denunciam a situação do negro na sociedade atual. “A literatura negra apresenta um forte teor ideológico, pelo fato de lidar, de tomar como pano de fundo e de eleger como sua temática a história do negro, a sua inserção e as relações étnicas da sociedade brasileira”. (EVARISTO, 2010, p. 135).

Já a obra de Machado de Assis, citada pelas entrevistadas E3, refere-se ao século XVIII, período do realismo no Brasil, tal obra, embora, faça crítica à sociedade brasileira, não constitui uma representação significativa do negro, nem mesmo como ser social. Para Proença Filho (2004, p. 172):

[...] a literatura machadiana é indiferente à problemática do negro e dos descendentes de negro, como ele. Mesmo os dois contos que envolvem escravos, “*O caso da vara*” e “*Pai contra mãe*”, não se centralizam na questão étnica, mas no problema

5 LUCINDA, Elisa. *Parem de Falar Mal da Rotina*. São Paulo: Lua de Papel, 2010.

6 LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

7 SOARES, Luiz Eduardo; ATHAYDE, Celso; BILL, MV. *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

do egoísmo humano e da tibieza de caráter. Os demais tipos negros ou mestiços participam como figurantes em histórias que, no nível do conteúdo manifesto ou do realismo de detalhe, constituem reflexo da realidade social que pretendem retratar.

De acordo com a aplicação do questionário prévio, foi possível perceber que as depoentes tiveram pouco contato com a literatura Negro-Brasileira, até mesmo com obras clássicas. Mesmo realizando as leituras citadas, não foi possível identificar um olhar crítico sobre o contexto das obras lidas. A partir dessas constatações, os grupos foram sendo modelados. Questionamentos como: “Por que a visão do escritor branco é sempre estereotipada?” “Por que nunca tive acesso a livros de escritores negros?” começaram a ser respondidas no primeiro encontro do grupo focal.

Para problematizar a questão racial, foram trabalhados fragmentos da vida e obra do escritor Lima Barreto<sup>8</sup> e a exposição do documentário de Chimamanda Ngozi Adichie “Os perigos de uma história única<sup>9</sup>”, fazendo referência aos entraves para a publicação de obras produzidas por escritores negros, decorrentes do preconceito racial e social. Acerca desse assunto, as entrevistadas externalizaram que:

E1 - Antes da formação tinha conhecimento de alguns autores negros, mas não fazia a ligação entre temas e autores negros, após a formação penso no conjunto, e muito envolvida está a questão da representatividade do negro na literatura, feita por ele próprio, com temáticas que lhe pertencem, a questão do preconceito, dos sofrimentos e das reivindicações, além de o negro não ser retratado de forma estereotipada, como na literatura feita por brancos. A literatura negra que tomei conhecimento na formação é uma literatura crítica da situação do negro passada e atual, é uma literatura que reivindica.

E2 - Após ter contato com a Literatura Negra, comecei a despertar para o racismo velado e principalmente para as minhas atitudes. Percebi que, por ser mulher, branca e de classe média - sendo apenas uma dessas características que me leva a um grupo de “minorias” e preconceitos, ser mulher – sou privilegiada e ainda carrego uma série de pequenos

---

8 BARRETO, Lima. Lima Barreto: um grito brasileiro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LV9WGQsAoro>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

9 ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Os perigos de uma história única. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZUtlR1ZWtEY&noredirect=1>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

preconceitos ou até mesmo falta de conhecimento, de vivências e de empatia.

Podemos observar que a fala das entrevistadas demonstra uma reflexão sobre o racismo e a invisibilidade social do negro como algo que ainda ocorre na sociedade atual. Um reflexo disso é a falta de ascensão do negro no contexto sócio-econômico em geral. Segundo dados do *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada* (IPEA), “[...] em 2012, apenas 9,4% da população negra do Brasil teve 12 anos ou mais de estudo, na região sul, esse índice é ainda menor, 8,1%. Em contrapartida, a população branca apresenta o dobro deste índice, 22,2% a nível nacional e 18,9% na região sul”. (IPEA, 2014, p. 43).

No que se refere à escolarização, as desigualdades entre brancos e negros estão relacionadas a múltiplos fatores, tais como renda familiar e acesso a bens públicos. As consequências de maior envergadura para a população negra se traduzem, entre outros fatores, em menor frequência escolar. (IPEA, 2014, p. 19).

Quanto à presença da população negra em idade adequada no nível superior em 2012, os índices nacionais eram de 9,6% e, na região sul, 9,1%. Já para a presença da população branca, tem-se 22,2% nos índices nacionais e 23,2% na região sul. (IPEA, 2014, p. 46). Os baixos índices de escolaridades representam maior parte da população negra com baixa renda, em situação de vulnerabilidade social, sem acesso à educação, cultura e arte.

A consequência disso na literatura é a ausência de negros na produção literária, dando continuidade para os escritores brancos elitizados que perpetuaram durante séculos uma representação do negro de forma estereotipada, inferiores em relação ao branco, de classe baixa em subempregos, moradores da periferia, marginalizados. De acordo com Cuti (2010, p. 16):

[...] os descendentes da escravização são utilizados como temática literária predominantemente pelo viés do preconceito e da comiseração. A literatura como reflexo e reforço das relações tanto sociais quanto de poder, atuará no mesmo sentido ao caracterizar as personagens negras, negando-lhes complexidade e por tanto, humanidade.

Esta representação negativa do negro vai além das esferas literárias sendo representada nos mais diversos meios de comunicação. No segundo e terceiro grupo focal, abordamos essa temática através da apresentação de uma propaganda publicitária<sup>10</sup> que representa o escritor Machado de Assis como um personagem branco da literatura brasileira (após inúmeras denúncias a propaganda publicitária foi substituída por um ator negro).

Cenas de tentativa de branqueamento da população negra também foram apresentadas e podem ser vistos nos meios de comunicação de massa, na TV aberta, onde personalidades negras são, com frequência, representadas por protagonistas brancas, é o caso de Chiquinha Gonzaga<sup>11</sup>, entre outras. Além dos programas de “humor” que praticam Blackface, ou seja, pintar o rosto de preto retratando de forma caricata o indivíduo negro, como em “Zorra Total<sup>12</sup>” e “Casseta e Planeta<sup>13</sup>”. Sobre isso as entrevistadas comentam que:

E3 - Foi importante a parte histórica, para entendermos como a questão foi tratada anteriormente por autores negros e também pelos autores brancos, o quão diferentes e desiguais podem ser as visões e abordagens de um mesmo assunto.

E2 - Que a TV, canalizadora de grande “sabedoria” popular (mostram o que querem que a gente pense), também comece a romper essas barreiras, colocar mais atores negros, mais realidade, mostrar o racismo que ela muitas vezes é a precursora. Que exista punição a comediantes e a escritores e seus textos preconceituosos.

Somos diariamente bombardeados com comerciais, programas de televisão e mensagens implícitas em filmes e telenovelas que nos impõem padrões estéticos de beleza e de comportamento. Diante disso, temos duas opções: negarmos o que somos, de onde viemos, as nossas origens ou nos desvincularmos

---

10 MACHADO DE ASSIS. A representação do escritor negro por um ator branco e posteriormente por um ator negro após denúncias recebidas pelo movimento negro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OboocxKfRk>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

11 CHIQUINHA GONZAGA. **Vinheta de Abertura - Minissérie Chiquinha Gonzaga - Rede Globo (1999)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sqSbB5YYIsU>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

12 ZORRA TOTAL. **Adelaide (Rodrigo Sant'anna) - Metrô Zorra Brazil**. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=-x\\_Tr46VNig](https://www.youtube.com/watch?v=-x_Tr46VNig)>. Acesso em: 14 jan. 2015.

13 CASSETA E PLANETA. **Ali Kamel e Roberto Marinho: Exemplo de racismo na Rede Globo**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JPHTxluh9kM>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

desse assédio midiático buscando a representatividade nos mais diversos meios de comunicação. Contextualizar essas práticas é de vital importância para despertarmos um olhar crítico frente às desigualdades raciais que estão presentes nas mais diversas esferas sociais. Afinal, por que isso é importante para os bibliotecários? As entrevistadas afirmam que:

E3 - Ao iniciar o grupo de estudos sobre a literatura negra brasileira, preenchemos um questionário muito simples, contendo apenas o que sabíamos e conhecíamos de básico sobre escritores negros ou livros que abordassem o tema. Para minha vergonha, não conhecia praticamente nada – apesar de ter feito uma pesquisa em relação a isso para um trabalho com meus alunos na escola onde trabalho. A única ideia que eu tinha, e agora tenho certeza – é a imagem estereotipada dos negros na maioria das histórias.

E1: O Bibliotecário tem que ser um disseminador da informação e a literatura negra é parte da cultura do país, deve ser trabalhada nas bibliotecas, centros culturais, escolas e difundida para que seja tão apreciada quanto outras literaturas.

E2: Precisamos ter esse conhecimento para instruir a população negra e também branca. Além da visibilidade que é preciso ter para com a literatura negra que muitas vezes é boicotada por grandes editoras monopolizadoras do mercado.

Sobre isso, Cuti (2010, p. 48) afirma que:

A literatura constitui uma das instâncias discursivas mais importantes, pois atua na configuração do imaginário de milhões de pessoas. Textos literários chegam a ser impostos como leitura obrigatória em vários momentos de nossas vidas. Em outros são colocados à nossa disposição para que possamos escolher nas vitrines e prateleiras de livrarias e bibliotecas. Essa disponibilidade é resultado de um ou de vários filtros, ou seja, reter algo ou permitir que algo passe. O texto pede passagem e dele são exigidos certos pressupostos.

Compreender de forma crítica, o que e como os ditos “grandes clássicos” da literatura brasileira representam o negro é primal para que o formador de leitor saiba selecionar e argumentar a escolha de obras que irão compor o acervo de uma biblioteca e que serão indicadas a seus leitores. O bibliotecário por ser um disseminador da informação, precisa ir além das informações contidas na capa do livro, é preciso investigar que tipo de leitura está sendo disponibilizada, é uma obra libertadora ou moralista? Estimula a autonomia e o empoderamento ou só reproduz

padrões pré-estabelecidos de uma literatura comprometida com o silenciamento?

O quarto e quinto grupos focais tiveram por intuito apresentar a produção de protagonistas negros e negras, estimulando a auto-imagem, a auto-representação e o empoderamento do povo negro, obras literárias que representam o negro como sujeito a partir de fragmentos de textos de Conceição Evaristo<sup>14</sup>, Elisa Lucinda<sup>15</sup>, Oliveira da Silveira<sup>16</sup>, e da produção cinematográfica do cineasta Joel Zito Araújo<sup>17</sup> foram discutidas.

E2 - Desconhecia (e ainda não conheço o suficiente) de grandes autores e autoras da literatura negra. Estou com muitas ganas de ler mais Elisa Lucinda, Conceição Evaristo, me adentrar mais no mundo da poesia negra, pois gosto muito dessa linha da literatura. Comecei a pesquisar mais sobre, li alguns artigos e só encontro coisas lindas e de grande inspiração de luta e liberdade!

E3 - [...] com o tanto que discutimos e debatemos nos encontros fui percebendo a gama de bons autores negros que desconheço. Virei fã da Elisa Lucinda e seus poemas tão profundos e verdadeiros – assim como, fui pesquisar a Cidinha da Silva e já tenho muita leitura para os próximos meses.

Assinalamos que este trabalho inicialmente pretendia abordar apenas obras literárias, mas, a partir da aplicação do questionário prévio, notou-se a necessidade de primeiro contextualizar as condições de acesso do negro à educação e, posteriormente, as limitações sofridas decorrentes do preconceito racial para divulgar sua produção intelectual. A fim de dar dinamicidade nos grupos, foram utilizadas obras expositivas que estavam mais ao alcance das participantes e, à medida que elas foram demonstrando maior compreensão acerca da problemática apresentada, obras mais densas e questões mais complexas foram sendo apresentadas. Dessa forma, foi possível perceber que as entrevistadas iam

---

14 EVARISTO, Conceição. **Imagem da Palavra**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pwQ4Bxc87PE>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

15 LUCINDA, Elisa. **Mulata Exportação**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GD4PoGwg5Ew>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

16 AUGUSTO, Ronald. Oliveira Silveira: obra reunida. Porto Alegre: IEL, 2012.

17 ARAÚJO, Joel Zito. Cinema e Negritude no Festival a Cena tá Preta. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B4eKzNzGTqs>>. Acesso em: 14 jan. 2015. \_\_\_\_\_. A Negação do Brasil - O Negro nas Telenovelas Brasileiras. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jJFCePc7aZM>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

construindo um olhar atento a tudo aquilo que tinham contato. A sutileza das ações discriminatórias já saltava aos olhos e novas referências foram sendo apresentadas e questionadas por elas.

## 5 CONCLUSÃO

A pesquisa realizada mostrou que tanto a escola como a universidade não deram aparato para que discussões como essas, promovidas pela formação, viessem à tona a fim de desconstruirmos as mais diversas formas de preconceito existentes na nossa sociedade que diariamente discrimina e exclui os negros. Cinco dias de formação não minimizam mais de 15 anos sem acesso à história da literatura Negro-Brasileira e seus desdobramentos, mas afirmam que é possível modificar conceitos que estavam cristalizados no imaginário daqueles que só tiveram contato com uma versão da história e da literatura.

Sabemos que, para combater a ideologia racista que enfatizava a incapacidade do negro em se socializar, constituir família e ter acesso à cultura escrita no decorrer da história do Brasil, foi necessário que pessoas intervissem em favor dessas populações com ações individuais ou filiadas aos seus grupos e movimentos. Em sua grande maioria, as atuações desses intelectuais refletem a perspectiva de indivíduos brancos e pertencentes a uma espécie de elite brasileira. Dessa forma, foram destacados textos e, mais especificamente a produção literária em consonância e aproximação das atuações das camadas negras na busca de seu processo educacional, ou seja, uma tentativa de recuperar essas iniciativas sociais na interpretação e sob a ótica das populações negras através da formação de leitores e da Literatura.

Esse estudo, bem como o procedimento metodológico adotado - técnica de Grupo focal - possibilitou observar e analisar a mudança de comportamento das profissionais que atuam como formadoras de leitores. Essa transformação foi do constrangimento por desconhecerem a vasta produção literária do negro e a sua contribuição histórica para o país à empatia pelas lutas e causas na busca de uma auto-representação e do empoderamento.

O preconceito racial está presente nas mais diversas esferas sociais, admitir esta problemática implica em adotarmos novos posicionamentos que

minimizem este fato, o acesso e a disseminação da informação, além de políticas nacionais engajadas podem mudar este quadro social.

## REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, Carlindo Fausto. **Cadernos Negros: esboço de análise**. Campinas, SP : [s.n.], 2005. - Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000351685>>.

Acesso em: 10 jul. 2014.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 41 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12 Ed. São Paulo: HUCITEC, 2006. Disponível em:

<[http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/MARXISMO\\_E\\_FILOSOFIA\\_DA\\_LINGUA\\_GEM.pdf](http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/MARXISMO_E_FILOSOFIA_DA_LINGUA_GEM.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2014.

BRASIL. IPEA. Situação social da população negra por estado. Brasília : IPEA, 2014. Disponível em:

<[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2412](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=2412)>. Acesso em: 20 jan. 2015.

BRASIL. Lei 10.639/03 e o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm)>.

Acesso em: 10 jul. 2014.

BRASIL. Lei 12.288/10 Estatuto da Igualdade Racial. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm).

Acesso em: 10 jul. 2014.

BRASIL MEC. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Biblioteconomia. Parecer CNE/CES nº 492, de 3 de abril de 2001. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

CUTI, Luís Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira**. In: Edimilson de Almeida Pereira. (Org.). Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. 1ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010, v. 1, p. 132-142.

MOYSÉS, S. M. A. Leitura e apropriação de textos por escravos e libertos no Brasil do século XIX. In: **Revista de Ciência e Educação** – Educação e Sociedade. São Paulo: Papyrus, n.º48, agosto/1994.

OLIVEIRA, R. P. **Educação e Cidadania**: o direito à educação na Constituição de 1988 na República Federativa do Brasil. São Paulo: Tese de Doutorado Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação, 1995.

PINTO, R. P. A educação do Negro – uma revisão bibliográfica. In: **Cadernos de Pesquisa**, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, 62, agosto/1987, 3 - 34.

PROENÇA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Estud. av., São Paulo, v. 18, n. 50, Apr. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100017](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017)>. Acesso em: 20 jan. 2015.

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lidia Eugenia. A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em Biblioteca Pública. In: **Encontros Bibli**, v. 18, n. 36, p. 157-180, jan. /abr., 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/15182924.2013v18n36p157>>. Acesso em: 24 jul. 2014.

ROMÃO, J; CARVALHO, A. A. de M. C. de. Negros e educação em Santa Catarina: retratos de exclusão, invisibilidade e resistência. In: DALLA BRIDA, N. (org). **Mosaico de escolas**: modos de produção em Santa Catarina na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2003

**Recebido em 29 de abril de 2015 | Aprovado em 14 de junho de 2015**

